

**PRODUZA MAIS
GASTANDO MENOS
ENERGIA ELÉCTRICA
HÁ SOLUÇÕES
AO SEU ALCANCE**

mediaFAX

Maputo * sexta-feira 07.08.92 * Nº 55/92

ZENHA, Lda.
FÁBRICA DE MOLDURAS, ESPELHOS E
UTILIDADES DECORATIVAS
VIDROS, CRISTAIS
CONTACTE-NOS
Av. Eduardo Mondlane, 2711
Tlf. 42 85 74
Maputo

De segunda a sexta, um diário no seu fax * Propriedade e edição: mediacoop - jornalistas associados, scrl

Editor: Carlos Cardoso * Sede: Av. Mártires da Machava, nº 1002

C.P. 73 * Tlx 49 09 06, 74 39 52, 490909(ext. 208), 491154(ext. 208) * Faxes 49 00 63 / 49 09 06 * Tlx 6 - 233 * Maputo * Moçambi

Assinaturas mensais - ordinária: 50.000,00 MT * institucional: 150.000,00 MT ou 50 USD * de apoio: 300.000,00 MT ou 100 USD

GARANTIAS MUDAM DE ROTA EM ROMA

Por Lourenço Jossias, enviado especial

1-55/92 (Roma) O Presidente Chissano confirmou na manhã de ontem aos jornalistas moçambicanos que cobrem a cimeira de Roma que não se está a conseguir chegar a acordo sobre o cessar-fogo ou sobre qualquer tipo de trégua nos combates que opõem as forças militares dos dois lados.

Chissano disse que estava em preparação uma declaração de princípios políticos a ser assinada pelos dois líderes no final da cimeira, incluindo a calendarização do cessar-fogo de modo a não delapidar as expectativas de todos quantos acreditam nesta cimeira.

Chissano compareceu à Imprensa numa das salas do seu hotel, visivelmente cansado, depois de ter passado, segundo ele próprio referiu, três noites em branco, desde a viagem de Maputo a Roma. O Chefe de Estado disse que depois da cimeira de Gaborone, em que Dhlakama disse a Mugabe estar disposto a assinar o acordo de paz mal tivesse garantias de segurança, aceitou vir à capital italiana, quebrando as condições que sempre impôs.

Acreditava-se que depois dos acordos políticos, os combates poderiam parar, uma vez que já não tinham nenhuma lógica, disse Chissano acrescentando que todos, incluindo Tiny Rowlands, acreditavam que a paz seria possível depois desta cimeira.

Ainda segundo Joaquim Chissano, o que estava previsto não era sair de Roma com um acordo de cessar-fogo, pois para tal era necessário um documento formal, um instrumento jurídico que leva tempo a preparar, para além de que era preciso definir uma série de questões como as garantias internacionais para a supervisão do próprio acordo. "Sabíamos que não era esta a altura de um acordo

desse tipo", disse Chissano, dando a entender que o Governo veio de Maputo preparado para compromissos de ordem política para depois se acordar o fim da guerra.

"Não se trataria de uma trégua temporária mas um período curto em que as tropas estariam sem combater enquanto se preparavam os acordos de cessar-fogo", referiu Chissano, para explicar a seguir que não se pretendia, com a proposta do Governo, a continuação da guerra pouco tempo depois.

Joaquim Chissano disse que ele próprio nunca foi a favor de tréguas, pois julga-as imorais: "parar a guerra por algum tempo e recomeçar pouco depois, é uma imoralidade", disse, lembrando que em Dezembro do ano passado pensou-se numa trégua por alturas do Natal mas não se acordou nada.

Colocada a questão a Dhlakama, este rejeitou o fim da guerra dentro de duas ou três semanas, alegando que os soldados de ambas as partes não iriam cumprir. "Disse que o tempo era muito curto", referiu Chissano na primeira declaração que fez à Imprensa desde que está em Roma.

"Dhlakama prefere uma guerra contínua até ao cessar-fogo completo", afirmou Chissano dando a conhecer que quando as coisas atingiram este extremo, ele pediu ao seu opositor para apresentar propostas concretas "que não vieram".

Uma vez que a situação prevalecia no primeiro frente-a-frente entre os dois líderes e em que foram discutidos estes aspectos, Chissano prometeu ao Dhlakama que iria apresentar, na sessão formal da abertura da cimeira, as garantias pedidas pelo líder opositor. Quando estas foram dadas, Dhlakama voltou a falar de paz mas só com democracia. "O debate foi um pouco difícil", reconhece Joaquim

Chissano para quem isso era de esperar, e não foi totalmente negativo.

Rejeitada a ideia de uma pausa curta à espera da conclusão dos documentos formais do acordo, Chissano disse que teve que se avançar com outras ideias, pois aquele não era o único caminho. "Há agora que aprontar a documentação necessária para acomodar aspectos de natureza política" e "decidimos que a legislação pertinente deve ser passada e os protocolos assinados seriam acolhidos na ordem jurídica nacional".

"O Governo, assim, teria que se reger pelos protocolos assinados e pelas garantias dadas por cada parte", referiu o Presidente da República, dando a entender que se estava a trabalhar ontem na preparação de um documento único ou com anexos em que seriam acomodados os aspectos políticos acordados, as garantias dadas e a calendarização do cessar-fogo.

"A Renamo não garante nada mas ela deve dar-nos a garantia de que o cessar-fogo será assinado e será respeitado", afirmou.

A calendarização do cessar-fogo terá de ter em conta as expectativas do povo e deve ter em conta o fim da guerra no mais breve espaço de tempo possível: "ainda não está tudo perdido e esperamos encontrar outros caminhos", tranquilizou Chissano aos jornalistas moçambicanos a quem quis dar a primeira versão sobre os acontecimentos de Roma.

CHISSANO SEM SOMBRA DE PECADO

Confrontado com o facto de Dhlakama ter mostrado optimismo depois do encontro de ambos na quarta-feira, o Presidente Chissano disse que Dhlakama não deve ter responsabilidade daquilo que diz em público. "Eles na Renamo têm que aquilo que dizem à Imprensa não conta, é para o consumo público", daí que Dhlakama diga coisas à Imprensa que não assume na mesa das conversações.

Porém, apesar de os acontecimentos em Roma frustrarem já as expectativas do povo, Chissano disse não estar arrependido de ter vindo à capital italiana pois "a flexibilidade é necessária e ela demonstra a tolerância que, às vezes é preciso ter". Reconhece ter vindo a Roma sem a suficiente preparação em termos de documentos porque achava que "Gaberone tinha dado mostras de flexibilidade da parte de Dhlakama", disse o estadista moçambicano para quem apesar de estar claro que a Renamo joga de modo a favorecer o desgaste do Governo e provocar o caos, há a convicção cada vez mais alta de que o Governo quer a paz e a Renamo é que cria dificuldades.

"É cedo para falarmos de desgastes no Governo, depois deste encontro, haverá análises de diferentes analistas e nessa altura, poderá se ter alguma ideia," referiu, lembrando que quando visitou países como Portugal, Brasil, Estados Unidos e mesmo em Maputo, apercebeu-se de que há consciência de que o Governo é responsável e quer a paz.

"Mesmo no aeroporto quando eu saí disseram-me que podia negociar a paz, ser flexível como entendesse mas não vender o país", afirmou Chissano.

Ele apontou ter ficado com a impressão de que o "frente-a-frente" de ambos tinha sido muito bom para a confiança necessária "dele sobre mim e sobre o Governo", pois no encontro ele disse que "fazia confiança em mim seu irmão, Presidente da República de Moçambique e de todos os moçambicanos".

Chissano sublinhou que a confiança cresceu desde então e Dhlakama "congratulou-me pelos esforços que introduzi e reconhece que existem mudanças, reconhece a existência de partidos políticos ao invés daquilo que dizia que eram uma criação da Frelimo".

RENAMO NO SISE?

Joaquim Chissano diz que nunca foi posta de lado a ideia de **comparticipação futura de elementos da Renamo no SISE** (Serviços de Informação e Segurança de Estado). "Não é uma força de combate nem de guerrilha e não há nenhum país que não tenha esse tipo de serviços", referiu.

Chissano disse que o SISE está ao serviço do Estado e não de um partido em particular e faz análises e estudos de carácter económico, social e militar. "Defende até os partidos que existem e são os olhos e ouvidos do Estado e nós aceitamos que eles sejam treinados, formados e integrados no SISE", disse o Chefe do Estado, acrescentando que essa integração não deve ser vista como se fosse a de militares, pois o treinamento desse tipo de funcionários leva tempo. Chissano disse não entender o porquê de tantos temores da Renamo em relação ao SISE, uma vez que a própria Renamo possui os seus serviços de informação.

EXÉRCITO ÚNICO:

POR UM NÚMERO NECESSÁRIO

O conceito do Governo sobre o número do futuro exército é de que este deve corresponder aos interesses da defesa do país, para que este não seja vulnerável aos tumultos e agressões. "Eles defendem números arbitrários e nós queremos os mínimos justificáveis", argumentou Chissano ao abordar esta questão ainda em negociação.

FRUSTRAÇÃO PAIRA EM ROMA

2-55/92 (Roma) A cimeira de paz que deve terminar hoje em Roma parece ter seguido e cumprido os receios que prevaleciam pouco antes da sua realização. Apesar do empenho pessoal dos seus líderes, o Governo e a Renamo não é desta vez que vão decidir o fim da guerra em Moçambique, embora estejam, aparentemente, mais próximos de um tal evento.

Na ausência de instrumentos adequados para a cessação das hostilidades, Chissano e Dhlakama terminarão o seu "frente-a-frente" com uma declaração de princípios que se espera venha a conter pelo menos a data ou o prazo para a assinatura do cessar-fogo, para a conclusão de todos os aspectos das negociações e para o início do convívio pacífico dos moçambicanos.

Chissano e Dhlakama acordaram nas questões políticas, pelo menos, dizem e disseram nos seus discursos. Dhlakama reconhece Chissano como Presidente de todos os moçambicanos, reconhece a sua confiança nele e no seu Governo e fala da paz e da democracia na mesma tonalidade e proporção em que o faz Chissano.

MUGABE CONCILIA AS PARTES

Até à madrugada de hoje decorria em Roma uma intensa movimentação diplomática entre as diversas delegações que acompanham a realização da cimeira Chissano-Dhlakama.

Com efeito, depois do jantar que o Ministro dos Negócios Estrangeiros italiano, Emilio Colombo, ofereceu ontem a todas as delegações presentes em Roma, o Presidente Robert Mugabe do Zimbabwe esteve reunido com o Presidente Chissano para consultas, após o que estava previsto que Mugabe realizasse outras consultas com o líder da Renamo, Afonso Dhlakama.

Uma fonte da delegação governamental moçambicana, em contacto com o "mediaFAX" esta madrugada, disse que após as consultas em separado Mugabe juntaria as duas delegações em sessão plenária para a aprovação da declaração de princípios antes da sua leitura pública.

Até cerca de uma hora da madrugada de hoje não estava ainda fixada a hora da aprovação da declaração de princípios, uma vez que as delegações técnicas continuavam a tentar acomodar as exigências de cada parte.

Chissano fala de Dhlakama como um homem com quem decidiram tratar-se por "irmãos" e por extensão, irão instruir os respectivos colaboradores e seguidores a usarem essa linguagem de reconciliação. Nas garantias, Chissano garantiu a Dhlakama segurança pessoal a ele e aos quadros da Renamo. Garantiu a livre actividade política do movimento rebelde e uma série de garantias que os protocolos assinados dão.

Só que os dois homens não conseguiram entender-se sobre aquilo que seria decisão mais espectacular do seu "frente a frente": o fim da guerra. Chissano quer a paz já. Dhlakama diz que é preciso ir por partes. Aparentemente, o líder rebelde teme que ao ordenar a cessação da guerra aos seus homens de um dia para o outro possa ha-

ver aqueles que "não vão acatar as ordens".

Desentendidos, Chissano e Dhlakama vão ter agora que assinar uma declaração de compromisso, que terá de conter, segundo Chissano, as garantias da Renamo. Desta vez é o Governo que reclama garantias da Renamo, depois que este movimento exigiu as suas.

BATALHÃO BÚFALO DISSOLVIDO?

3-55/92 (Maputo) As autoridades sul-africanas dissolveram recentemente os batalhões "Búfalo" e "Bosquímans", 32 e 31, respectivamente, os quais se encontravam posicionados ao longo da fronteira comum entre África do Sul, Suazilândia e Moçambique, soube ontem o "mediaFAX" junto de uma fonte militar moçambicana.

A mesma fonte acrescentou estar na posse de dados seguros segundo os quais vários elementos desmobilizados daqueles batalhões estão a ser "integrados na Renamo, em particular os da nacionalidade moçambicana".

O "mediaFAX" apurou que existe uma ligação entre as propostas da Renamo em Roma de formar um exército nacional de poucos efectivos com o facto de este movimento estar a receber reforços em "efectivos qualificados por parte da África do Sul, e doutras fontes onde a Renamo tem homens em treino".

Por outro lado, a fonte do "mediaFAX" precisou que desde o passado dia 24 de Julho regista-se uma "intensa

movimentação de tropas sul-africanas, com blindados e civis, na região de Mbizini junto à fronteira comum entre Moçambique, África do Sul e Suazilândia".

"É na mesma zona onde os sul-africanos facilitaram a entrada naquela território do General Mateus Ngonbamo, Chefe da comissão coordenadora das actividades militares da Renamo na zona Sul de Moçambique, quando ia apanhar uma avioneta na zona de Skukuza para Lilóngwè, Malawi, onde se foi juntar ao líder da Renamo, Afonso Dhlakama, para juntos seguirem para Roma", contou a nossa fonte.

O batalhão "Búfalo" das Forças de Defesa e Segurança da África do Sul (SADF) estava integrado de vários soldados recrutados compulsivamente nos países vizinhos, incluindo Moçambique, e desempenhou um papel de relevo na desestabilização militar da região.

O "mediaFAX" tentou, sem sucesso, junto da Representação Comercial sul-africana em Maputo confirmar a dissolução das unidades militares aqui referidas.